

A pós-modernidade em Lyotard, Harvey e Jameson

Ana Luíza Duarte de Brito Drummond*

Resumo:

Partindo das considerações de Jean-François Lyotard em *O pós-moderno*, David Harvey em *Condição pós-moderna* e Fredric Jameson em *Pós-modernismo* e perpassando pelas ideias de jogos de linguagem, estetização da política e fato da fragmentação, procuramos analisar a problemática da criação de uma teoria da pós-modernidade, conforme propõe Lyotard, expondo os problemas que emergem quando se procura definir essa fase do capitalismo tardio marcada, sobretudo, pela mutação e pela fragmentação.

Palavras-chave: Pós-modernismo; Lyotard; Harvey; Jameson.

The postmodernity in Lyotard, Harvey e Jameson

Abstract:

Based on the considerations of Jean-François Lyotard in *The Postmodern*, David Harvey in *The Condition of Postmodernity* and Fredric Jameson in *Postmodernism* and traversing the ideas of language games, aestheticization of politics and indeed fragmentation, we analyzed the problem of creating a theory of postmodernity, as Lyotard suggests, exposing the problems that arise when trying to define this phase of late capitalism marked mainly by mutation and fragmentation.

Keywords: Postmodernism; Lyotard; Harvey; Jameson.

* Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Licenciada em Língua Portuguesa e Bacharel em Estudos Literários pela Universidade Federal de Ouro Preto. Email: analuizadrummond@yahoo.com.br.

“E vocês sabem o que “o mundo” é para mim? [...] Este mundo: um monstro de energia, sem começo, sem fim;... envolto pelo ‘nada’ como se por uma fronteira; [...] um oceano de forças fluindo e arremetendo juntas, em eterna mudança, em eterno ir e vir, [...], como um vir-a-ser que não conhece saciedade, desgosto nem exaustão: este, meu mundo dionisíaco do eternamente autocriado, eternamente autodestruído, [...] *este mundo é a vontade de poder – e nada mais!*.”

(Friedrich Nietzsche)

Em *O pós-moderno* (1993), Jean-François Lyotard propõe um estudo sobre a posição do saber na sociedade pós-moderna. Como “pós-moderna” ele considera a incredulidade em relação aos metarrelatos, um efeito do progresso científico, que leva também à crise da filosofia metafísica e, por conseguinte, da instituição universitária dela dependente. Lyotard trabalha com a ideia de que com a queda dos metarrelatos (ou metanarrativas) passamos a viver em uma sociedade repleta de “jogos de linguagem”²⁶⁹ cujas regras (sem as quais não existe jogo) “não possuem sua legitimação nelas mesmas, mas constituem objeto de um contrato explícito ou não entre os jogadores” (LYOTARD, 1993, p. 17). Nesse sentido, “todo enunciado deve ser considerado como um ‘lance’ feito num jogo.” (LYOTARD, 1993, p. 17). Com a queda dos metarrelatos e o estabelecimento dos “jogos de linguagem” todo o sistema em que vivemos (inclusive a ciência, a filosofia, a universidade etc., que anteriormente tinham o papel de busca da verdade) passa a ter um objetivo único: o aumento da eficácia, isto é, “a otimização da relação global entre o seu *input*²⁷⁰ e *output*²⁷¹” (LYOTARD, 1993, p. 21), o que gera “melhoria da ‘vida’ do sistema” e, conseqüentemente, aumento de seu poder.

De um modo geral, pode-se dizer que Lyotard, preocupado em definir o pós-modernismo, acaba limitando seu campo de estudo ao ignorar a dimensão espaço/tempo da era pós-moderna. É nesse sentido, basicamente, que consiste a crítica de David Harvey (2012) a ele. Harvey, em *Condição pós-moderna*, procura, apoiando-se

²⁶⁹ Lyotard retira esse termo de Ludwig Wittgenstein.

²⁷⁰ Energia despendida.

²⁷¹ Informações ou modificações obtidas.

em Fredric Jameson, entender como a mudança na experiência do tempo e do espaço afeta a sociedade e a cultura do que ele e Jameson chamam de capitalismo tardio.

Em resumo, pode-se afirmar que Lyotard preocupa-se com o “o que é” e Harvey (e Jameson) com o “como é”. Essa afirmação pode parecer, de início, apenas uma questão de perspectiva teórica, mas denota o problema de algumas teorias, entre elas a de Lyotard. Ora, como definir o pós-modernismo sendo ele habitado pela heterogeneidade, pelo jogo, pelo acaso, pela dispersão, ironia, desconstrução, paralogia, estudos culturais, “pragmática das partículas de linguagem” etc., cada um utilizando jogos de linguagem distintos para se legitimarem? Ou, conforme aponta Jameson,

Se é possível, como na prova de Gödel, demonstrar a impossibilidade lógica de uma teoria internamente coerente do pós-moderno – um antifundacionismo realmente livre de todo fundamento, um não-essencialismo sem o menor vestígio de uma essência –, isso é uma questão especulativa. A resposta empírica é que nenhuma teoria com essas características apareceu até agora – todas replicam, já no próprio título, uma mimésis do modo como são parasitárias de outro sistema (no mais das vezes do próprio modernismo), cujos traços residuais, assim como valores e atitudes inconscientemente reproduzidos, tornam-se então, indicações preciosas da impossibilidade de emergência de uma cultura totalmente nova. (JAMESON, 1997, p. 15-16)

Um exemplo disso em Lyotard pode ser retirado de um trecho já do final de *O pós-moderno*: “O consenso tornou-se um valor ultrapassado, e suspeito. A justiça, porém, não o é. É preciso então chegar a uma ideia e a uma prática da justiça que não seja relacionada à do consenso.” (LYOTARD, 1993, p. 118). De que forma a justiça, como bem aponta Harvey (2012, p. 56), “poderia ter permanecido um tal universal, intocada pela diversidade de jogos de linguagem, ele não nos diz”. Sabe-se apenas que, para Lyotard (1993, p. xvi; 13, respectivamente), a “justiça relaciona-se [...] com o grande relato, no mesmo grau que a verdade”, e que desde Platão “o direito de decidir sobre o que é verdadeiro não é independente do direito de decidir sobre o que é justo”. A questão, portanto, de como a justiça poderia ter permanecido inalterada com a queda dos metarrelatos fica sem resposta. E como ela pode se estabelecer sem estar relacionada à ideia de consenso – já que o consenso “não é senão um estado das discussões e não o

seu fim” (LYOTARD, 1993, p. 118) – deve ser vista como uma proposta: a de que o primeiro passo nesta direção seja o “reconhecimento da heterogeneidade dos jogos de linguagem”.

Interessam-nos, neste momento, algumas observações a respeito dessa concepção. A primeira refere-se à proposta de Lyotard de que, *grosso modo*, abracemos o caos da heterogeneidade dos jogos de linguagem e esqueçamos de vez as metanarrativas; ou, em outras palavras, apeguemo-nos ao texto, não à obra. A segunda nos remonta diretamente à crítica de Jameson citada acima e diz respeito à sua contradição internalizada, conforme elucida Harvey:

O desconstrucionismo, como qualquer sistema de pensamento e qualquer definição de uma ordem simbólica avassaladora, internaliza certas contradições que, em certo momento, vão ficando cada vez mais auto-evidentes. Quando, por exemplo, busca manter suas esperanças radicais vivas recorrendo a algum conceito prístino e imaculado de justiça, Lyotard propõe uma afirmação de verdade que está acima da mescla de grupos de interesses e de sua cacofonia de jogos de linguagem. (HARVEY, 2012, p. 324).

Por isso Harvey recusa-se a aceitar toda a teoria de Lyotard e de outros pós-modernos, como, por exemplo, Michel Foucault. Sua tendência está mais próxima à de Jameson e tende a considerar essas teorias não só pelo que elas expressam e/ou propõem, mas também pela forma como elas se inserem e são determinadas pelo sistema no qual estão inseridas. Afinal de contas, como aponta Jameson (1995, p. 15), a teoria do pós-modernismo é “o esforço de medir a temperatura de uma época sem os instrumentos e em uma situação em que nem mesmo estamos certos de que ainda exista algo com a coerência de uma ‘época’, ou *Zeitgeist*, ou ‘sistema’, ou ‘situação corrente’”.

Para falar da modernidade, Harvey (2012) parte da consideração de Baudelaire (2010, p. 35) de que “a modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente; é uma metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”, e se propõe a entender como se conjuga o efêmero e fugidio e o eterno e imutável no modernismo. Para entendermos sua crítica ao pós-modernismo, podemos resumi-la, de início, assim: o pós-modernismo se agarra a apenas um dos lados dessa formulação de Baudelaire, qual seja, o lado do

transitório, do fugidio, do contingente, do fragmentário, do efêmero. E isso “enquanto exprime um profundo ceticismo diante de toda prescrição particular sobre como conceber, representar ou exprimir o eterno e imutável.” (HARVEY, 2012, p. 111). Conforme enfatiza, o “pós-modernismo nada, e até se espoja, nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo o que existisse” (HARVEY, 2012, p. 49).

Há que se considerar, conforme o faz Harvey (2012, p. 111), que entre o modernismo e o pós-modernismo há mais continuidade do que diferença. No entanto, com sua tendência a concentrar-se “antes do texto do que na obra, sua inclinação pela desconstrução que beira o niilismo, sua preferência pela estética, em vez da ética, [o pós-modernismo] leva as coisas longe demais.” (HARVEY, 2012, p. 111-112). Há um apelo evidente no pós-modernismo ao caos e isso atinge a todas as esferas sociais, culturais e institucionais. Não há mais verdade, há retórica. O filósofo sucumbe ao sofista. A universidade, outrora lugar de cultivo e domínio do saber humano, é agora “otimizada” pelo sistema de melhor desempenho por menos tempo (e dinheiro), isto é, agora ela é regida pela lei do *input/output*. Como avisa Lyotard (1993, p. xvii), “Sede operatórios, isto é, comensuráveis, ou desaparecei”. É o que vem acontecendo com a Filosofia e os Estudos Literários, por exemplo. A primeira iniciou em 1971 um novo campo comensurável que alcançou popularidade a partir da década seguinte: a Filosofia Clínica. O segundo volta seus olhos às mais diversas possibilidades de combinações textuais, desgrudando-se ligeiramente da obra e apegando-se a ramos do momento, como a semiótica, hoje já em declínio, e os estudos sobre a memória, estes bem em voga. Por conseguinte, o saber deixa de existir e a informação e o conhecimento lhe tomam o lugar. O próprio Lyotard (1993, p. 108) enfatiza essa questão ao dizer que “a ciência pós-moderna torna a teoria de sua própria evolução descontínua, catastrófica, não retificável, paradoxal. Muda o sentido da palavra saber e diz como esta mudança pode se fazer. Produz, não o conhecido, mas o desconhecido”. Apesar dessa consideração, o

teórico acredita que a teoria dos jogos é útil porque ela gera ideias e ter ideias seria o êxito supremo para um cientista (LYOTARD, 1993, p. 108).

Jameson, como Harvey, também não vê o pós-modernismo como um rompimento completo com a modernidade. De acordo com ele,

O pós-modernismo não é a dominante cultural de uma ordem social totalmente nova [...], mas é apenas o reflexo e aspecto concomitante de mais uma modificação sistêmica do próprio capitalismo. Não é de espantar, então, que vestígios de velhos avatares – tanto do modernismo como até do próprio realismo – continuem vivos, prontos para serem reembalados com os enfeites luxuosos de seu suposto sucessor. (JAMESON, 1997, p. 16)

Nesse sentido, podemos considerar que o pós-modernismo reage à ilusão de construção de uma história humana universal do modernismo e à crença nas verdades absolutas. Ele rechaça, muitas vezes fazendo uso do pastiche, qualquer tentativa de totalidade e abraça a pluralidade. Retira e desconstrói qualquer possibilidade de centro, de tradição, de gênero, de metáfora, de profundidade e verticalidade. No lugar de tudo isso ele coloca a dispersão, a combinação, o intertexto, a horizontalidade e, por vezes, o nada. Se o modernismo previa a crítica à indústria cultural, o pós-modernismo se mostra seduzido por ela. E tudo isso segue a uma lógica – ainda que, como aponta Lyotard (1993, p. xvii), ela seja inconsistente –, à lógica do capitalismo tardio, “um estágio do capitalismo mais *puro* do que qualquer dos momentos que o precederam” (JAMESON, 1997, p. 29).

A ideia de pós-modernidade de Terry Eagleton se aproxima à de Jameson e entende a pós-modernidade “como uma mudança histórica ocorrida no Ocidente para uma nova forma de capitalismo”:

Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. Contrariando essas normas do iluminismo, vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e a coerência de identidades. Essa maneira de ver, como sustentam alguns, baseia-se em

circunstâncias concretas: ela emerge da mudança histórica ocorrida no Ocidente para uma nova forma de capitalismo — para o mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da indústria cultural, no qual as indústrias de serviços, finanças e informação triunfam sobre a produção tradicional, e a política clássica de classes cede terreno a uma série difusa de “políticas de identidade”. (EAGLETON, 1998, p. 7)

Nesses termos, podemos perceber, em ambos os teóricos, que o pós-modernismo (e a pós-modernidade, e o pós-moderno – os sufixos aqui pouco alteram a ideia) está diretamente ligado ao capitalismo. Ou, para dizer melhor, ele é parte importante e constituinte desse sistema. Sabemos agora, ao contrário de alguns marxistas mais tradicionais, que ele é infalível, é indestrutível. Perdemos todo e qualquer contato com o que, na modernidade, ainda nos restava de natureza. Em lugar disso recebemos um mundo hiper-real, no qual o simulacro se espalha com a eficiência de um fogo morro acima. Desligados do real, da verdade, do significado, do gênero, da origem, da metafísica, enfim..., tornamo-nos seres fragmentados, mutantes, inorgânicos, pós-humanos. Entregues ao acaso, impossibilitados de causar qualquer mudança num sistema que coopta qualquer prática de resistência, seguimos como rizomas de um mundo caótico.

Entre as várias considerações “perigosas” da teoria do pós-modernismo está a de sua cumplicidade com a estetização política. Já presente na modernidade com os conflitos geopolíticos bastante influenciados pela ideia de lugar, de local, de busca de um mito enraizante todo-abrangente (o nazismo é um entre vários exemplos), tendo versões tanto de esquerda quando de direita, a estetização da política, como aponta Harvey (2012, p. 194), “tem uma longa história e apresenta profundos problemas para doutrinas de progresso social sem freios”. É devido a essa perspectiva que Eagleton critica virulentamente o pós-modernismo de Lyotard, como cita Harvey.

A modernidade para Lyotard não parece *nada senão* um conto da razão terrorista e do nazismo que é pouco mais do que o término letal do pensamento totalizante. Esse travesti negligente ignora o fato de os campos da morte terem sido, entre outras coisas, o rebento de um bárbaro irracionalismo que, tal como alguns aspectos do próprio pós-modernismo, desdenhava a história, recusava a argumentação, estetizava a política e

atribuía tudo ao carisma daqueles que contavam as histórias. (EAGLETON apud HARVEY, 2012, p. 194)

É nesse sentido também que Harvey apoia o repúdio de Eagleton a Lyotard:

Em consequência, vejo-me concordando com o repúdio de Eagleton às ideias de Lyotard, para quem “não pode haver diferença entre verdade, autoridade e sedução retórica; quem tem a língua mais macia ou a conversa mais atraente tem o poder”. O reinado de oito anos de um contador de histórias carismático na Casa Branca sugere que há mais do que uma pequena continuidade desse problema político, e que o pós-modernismo se aproxima perigosamente da cumplicidade com a estetização da política que lhe serve de fundamento. Isso nos faz remontar a uma questão deveras essencial. Se tanto a modernidade como a pós-modernidade derivam a sua estética de alguma espécie de luta com o *fato* da fragmentação, da efemeridade e do fluxo caótico, eu sugeriria que é muito importante estabelecer por que tal fato se teria tornado um aspecto tão presente da experiência moderna por um período de tempo tão longo, e por que a intensidade dessa experiência parece ter assumido tanto poder a partir de 1970. Se a única coisa certa sobre a modernidade é a incerteza, devemos sem dúvida dar considerável atenção às forças sociais que produzem tal condição. (HARVEY, 2012, p. 112-113)

Harvey aponta mais adiante o porquê da crescente intensidade do fato da fragmentação a partir de 1970. Em resumo, podemos dizer que o colapso do sistema de expansão do pós-guerra “a partir de 1973 iniciou um período de rápida mudança, de fluidez e de incerteza.” (HARVEY 2012, p. 119). Ele toma como “uma reveladora maneira de caracterizar a história recente” “a hipótese de uma passagem do fordismo para o que poderia ser chamado de regime de acumulação ‘flexível’” (HARVEY, 2012, p. 119). A intensificação do *fato* da fragmentação a partir de 1970 retira-nos, enquanto sujeitos, até da possibilidade de alienação, pois não há natureza da qual se afastar, e da paranoia, pois essa prevê um delírio sistematizado e, sabemos, não há mais ordem possível de sistematização na pós-modernidade. Assim, retirada a alienação, deslocamo-nos à possibilidade mais fragmentada do sujeito cuja concepção mais próxima é a de esquizofrenia (não no sentido clínico, mas no sentido de Lacan, isto é, como desordem linguística), que ocorre, conforme Jameson (1997, p. 53), quando as cadeias da significação linguística se quebram. A relação entre a disfunção linguística e a psique do esquizofrênico é explicada por Jameson em uma proposição de dois níveis:

[...] primeiro, a identidade pessoal é, em si mesma, efeito de uma certa unificação temporal entre o presente, o passado e o futuro da pessoa; em segundo lugar, essa própria unificação temporal ativa é uma função da linguagem, ou melhor, da sentença, na medida em que esta se move no tempo, ao redor do seu círculo hermenêutico. Se somos incapazes de unificar o passado, presente e futuro da sentença, então somos incapazes de unificar o passado, o presente e o futuro de nossa própria experiência biográfica, ou de nossa vida psíquica. Com a ruptura da cadeia de significação, o esquizofrênico se reduz à experiência dos puros significantes materiais ou, em outras palavras, a uma série de puros presentes, não relacionados no tempo. (JAMESON, 1997, p. 53)

Isolado dessa forma, o presente “invade o sujeito com uma vivacidade indescritível, uma materialidade da percepção verdadeiramente esmagadora, que dramatiza, efetivamente, o poder do significante material – ou melhor, literal – quando isolado.” (JAMESON, 1997, p. 54). Se vivemos mesmo no mundo nietzschiano da vontade de poder, a estetização da política não serve a outra coisa senão a isso. Um sujeito desprovido de passado e futuro, bombardeado excessivamente em todos os seus cinco sentidos pelo presente, um presente hiper-real, carregado de euforia, de *intensities*, é facilmente seduzido pelo discurso mais bonito. Nesse sentido, não é de se espantar o mandato presidencial de oito anos de um ator hollywoodiano nos EUA. Ao perdemos a noção de passado e futuro, a noção de centro, sequer nos damos conta do que estamos perdendo. Por isso, há que se duvidar bastante da proposição de Lyotard (1993, p. xvii) de que “[o] saber pós-moderno não é somente o instrumento dos poderes. Ele aguça nossa sensibilidade para as diferenças e reforça nossa capacidade de suportar o incomensurável. Ele mesmo não encontra sua razão de ser na homologia dos *experts*, mas na paralogia dos inventores”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática: 1997.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Trad. Ricardo Correia Barbosa. 4 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.